A recusa da vagina

MIOLO A recusa da vagina.indd 1 04/09/2023 18:06:20

MIOLO A recusa da vagina.indd 2 04/09/2023 18:06:20

A recusa da vagina

Karen Horney, o feminismo e a feminilidade na psicanálise

PATRÍCIA MAFRA DE AMORIM

ARTES & ECOS

Porto Alegre
Artes & Ecos, 2023

MIOLO A recusa da vagina.indd 3 04/09/2023 18:06:23

MIOLO A recusa da vagina.indd 4 04/09/2023 18:06:23

KAREN HORNEY
1885-1952

Copyright © 2023 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger
REVISÃO Thayla Bertolozzi
CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo
FOTO DA AUTORA Oscar Pescuma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A524r Amorim, Patrícia Mafra de

A recusa da vagina: o feminismo e a feminilidade na psicanálise / Patrícia Mafra de Amorim. – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023.
168p.

ISBN: 978-65-87457-30-7

1. Psicanálise. 2. Feminismo. I. Amorim, Patrícia Mafra de. II. Título.

CDU 150.195
Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

ARTES & ECOS

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br
www.arteseecos.com.br

A presente publicação é fruto da tese de doutorado, orientada pelo Prof. Dr. Daniel Kupermann, citada abaixo:

Amorim, P. M. (2021). *Karen Horney, o feminismo e a feminilidade: um desmentido na história da psicanálise*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Once and for all, we should stop bothering about what is feminine and what is not. Such concerns only undermine our energies. Standards of masculinity and femininity are artificial standards. All that we definitely know at present about sex differences is that we do not know what they are. Differences between the two sexes certainly exist, but we shall never be able to discover what they are until we have first developed our potentialities as human beings. Paradoxical as it may sound, we shall find out about these differences only if we forget about them. (HORNEY, K. 1935)

MIOLO A recusa da vagina.indd 8 04/09/2023 18:06:23

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que me acompanharam nesta jornada que foi a escrita desse trabalho, por serem quem são e me darem a oportunidade de experimentar o que quer eu seja.

SUMÁRIO

13 **PREFÁCIO** Quanto se voa e ouve-se o canto anoitecido
por Ana Brancaleoni

17 **INTRODUÇÃO**

21 **1. HISTÓRIA, MEMÓRIA E VERDADE**
24 1.1 A historiografia psicanalítica e sua lida com dissidentes
27 1.2 O trauma em três tempos
33 1.3 Desmentido como conceito operatório

37 **2. O PRIMEIRO TEMPO: A CONFUSÃO DE LÍNGUAS**
38 2.1 Quem foi Karen Horney?
50 2.2 O campo psicanalítico: o que é Psicanálise?
57 2.3 Revisionismo na América

65 **3. O SEGUNDO TEMPO: TESTEMUNHAR É PRECISO**
67 3.1 A teorização como testemunho
73 3.2 Horney, feminismo e feminilidade
90 3.2 A teoria madura de Horney

99 **4. O TERCEIRO TEMPO: O DESMENTIDO**
106 4.1 Denúncia e desmentido na teoria
126 4.2 O desmentido nas instituições
142 4.3 Historiografia psicanalítica – um campo clivado?

147 **5. FEMININILIDADE, CULTURA E NEUROSE**

159 **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Quanto se voa e ouve-se o canto anoitecido

Aos que virão
"O amanhã mandou pássaros para o ontem"
(Márcio Meirelles)

Voos, sobrevoos... O que só é possível a quem se desprende de amarras e ousa subir, nas alturas, para enxergar um contexto em sua amplitude. Eis que temos a chance de voar! Este livro, mais que um compromissado e rigoroso estudo teórico, traz-nos oportunidades de encontros entre o ontem, o hoje e horizontes. O trabalho de Patrícia Amorim nos traz vivo o pássaro do amanhã que, em cantoria generosa com o ontem, amplia a condição de criação, entendimento e ação. Nos traz o pássaro que nos oferece asas. Assim, é leitura preciosa para psicanalistas de nossos tempos e para aqueles que virão.

Nós, psicanalistas, somos duramente interpelados por movimentos sociais, que trazem ao dia as questões de raça, gênero, classe e suas intersecções que atravessam as teorias, mas nem sempre são explicitadas, problematizadas e reconhecidas, mantendo-se vieses naturalizantes e, por esse mecanismo, reproduzindo relações de hierarquização e opressão. Contudo, aproximando-se dos processos contínuos e históricos de construção do campo psicanalítico, os polos de cores opostas se mostram em meandros de diversidade colorida aos olhares interessados, curiosos: voadores.

Os estudos no campo do gênero nos posicionam a necessidade premente de refletirmos sobre a dimensão do dimorfismo sexual subjacente a teorias, assim como a respeito da tomada de aspectos que são histórico conjunturais como sendo inerentes ao ser humano, por-

MIOLO A recusa da vagina.indd 13 04/09/2023 18:06:23

tanto, considerando-os como estruturais[1]. Convoca-se, assim, a uma Psicanálise viva e porosa com sua escuta aberta às vozes de seu tempo, sensível às dores enfrentadas em contextos sociais de discriminação e exclusão, e disposta a se constituir enquanto espaço de testemunho sensível, compreendendo os riscos iatrogênicos de práticas e teorias engessadas e surdas ao sofrimento das minorias sociais.

O encontro com vozes anoitecidas, como nos diz Mia Couto[2], que não se emudeceram pois não houve violência capaz de fazê-las se calar e continuaram soando mesmo sem encontrar escuta, porém que foram obscurecidas pelo silêncio institucional, conta-nos dos processos de marginalização de uma(?) mulher e suas compreensões dissidentes das normas e parâmetros estabelecidos para aceitação como "teoria da verdadeira psicanálise", em sua época. Seriam intocáveis os totens e tabus teóricos estabelecidos pelo "Pai"?

No deslindar do processo de buscar conhecer, reconhece-se que, o que aparentemente é ímpar, condensa em si um conjunto de vozes que não puderam ser ouvidas, na medida em que eram interpretadas através de parâmetros da linguagem oficial. A obra nos convoca à ruptura com desmentidos históricos e sociais, colocando-se na contramão da presunção de uma eleição da "verdadeira psicanálise", convidando-nos ao reconhecimento de confusões de línguas[3] estabelecidas socialmente quando se assume a pretensão de se deter a verdade absoluta. Eis a condição na qual se perde a humanidade em sua complexidade, com suas incompletudes e precariedades, articulando-se a concepções abstratas de ser humano, carne morta e putrefata.

A autora, com ternura e gentileza, se encontra com Karen Horney no tempo em que ela viveu, conclamando-a a ocupar o espaço que lhe é merecido no ontem e no hoje. Delicadamente convida-a a estar viva e a contemplar o valor histórico de suas construções teóricas na Psicanálise, campo do conhecimento esse que foi sempre rico e diverso na profusão de ideias contingentes às dores humanas, sendo a homogeneidade mero resultado de ortopedia da letra morta de

---

1 Sugere-se:
• AYOUCH, T. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 48, p. 58-70, 2014.
• ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006.

2 COUTO, M. **Vozes Anoitecidas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

3 FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: **Obras Completas** - Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes 1933/2011, p. 97-106.

MIOLO A recusa da vagina.indd 14 04/09/2023 18:06:23

uma forma de contar a história. Como nos diz Manoel de Barros[4]: "a reta é uma curva que não sonha" – e não há Psicanálise sem sonhos. A Psicanálise segue viva e significativa até nossos dias porque não é linha reta, mas um vir a ser que se faz em seu processo contínuo de construção, por meio dos encontros, desde de aqueles que ocorrem no *setting* clínico, às reflexões que se seguem nos contextos sociais e pesquisas acadêmicas.

Um livro como este se oferece, também, como um espaço de encontros! Neste espaço, assume-se uma perspectiva ética, como nos aponta Djamila Ribeiro[5], em que se é ciente de que a pretensa fala universal é sempre proferida a partir de um determinado grupo – aquele que possui hegemonia. Assim, a verdade inquestionável outorga para si a possibilidade de representar e dizer tudo sobre todos e todas quando silencia e usurpa o lugar de fala de grupos dissidentes e socialmente minorizados – no caso, as mulheres e suas relações com a sexualidade.

Patrícia e sua obra encarnam o poema de João Cabral e Mello Neto[6], em que o autor nos diz que

> um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro (...e) De muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, vá se tecendo entre todos os galos.

Convido, então, você a voar livremente por tempos, letras, registros e entendimentos, participando do tecer dessa teia tênue, compondo o "toldo manhã que se fará plena de amarração formando o tecido tão aéreo que se eleva por si"[7].... Leia e teça o seu fio nessa nossa grande teia da construção da Psicanálise...

Bons teceres, bons encontros, boa leitura!

Ana Brancaleoni

4 Marros, M. **Poesia Completa.** São Paulo: Leya, 2013.
5 RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Letramento Editora e Livraria LTDA, 2017.
6 MELO NETO, J. C. **Poesia Completa.** São Paulo: Alfaguara, 2020.
7 MELO NETO, J. C. **Poesia Completa.** São Paulo: Alfaguara, 2020.

MIOLO A recusa da vagina.indd 15 04/09/2023 18:06:23

Introdução

Dentre os inúmeros problemas que grande parte, se não toda, a população mundial teve que enfrentar durante estes anos pandêmicos – o medo da contaminação, o luto por vidas e modos de vida que se foram, o desemprego, os desafios da educação a distância etc. –, um deles possui relação íntima com a pesquisa que aqui é desenvolvida: o aumento nos índices de violência doméstica contra a mulher. Em comunicação pessoal, Júlia Kristeva (2020) associou este aumento não apenas aos altos níveis de tensão aos quais toda a sociedade estava submetida, mas a uma particularidade desta situação: a transferência da importância da esfera pública à doméstica, onde a mulher, historicamente, ocupa o lugar de poder. A autora reforça a dimensão fóbica que o poder nas mãos de uma mulher ainda possui em nossa sociedade, o que pode ter contribuído para o alargamento das atitudes antifóbicas por parte de vários homens. De certa forma, a pandemia revelou problemas profundos e antigos que ainda não foram solucionados. A violência contra a mulher e a comunidade LGBTQIA+, a desigualdade entre classes, o racismo institucionalizado, assim como os movimentos anticientíficos, os quais têm sido conhecidos como negacionismos – em referência às narrativas que negam a existência ou a dimensão do holocausto –, ainda se fazem demasiado presentes na história atual do Brasil.

No entanto, nos últimos anos, também temos visto um aumento do debate sobre o feminicídio, que vem ganhando espaço na mídia, revelando a importância da criação do termo para a denúncia de crimes de gênero, o que também se reflete nas políticas públicas. Vemos personagens e protagonistas femininas em séries de TV, filmes, livros e na política – mesmo que aqui ainda menos do que se espera em termos de representatividade.

MIOLO A recusa da vagina.indd 17 04/09/2023 18:06:23

Tal mudança deu-se não apenas do ponto de vista quantitativo, mas também qualitativo: percebe-se a emergência de temas que eram tabus há poucos anos ou que antes só haviam sido abordados do ponto de vista masculino, como o direito das mulheres em relação ao seu próprio corpo, a (re)descoberta da sexualidade na puberdade, a homossexualidade, o mercado de trabalho – ou seja, o corpo feminino está presente e tem sido percebido. Os reconhecimentos não ocorrem todos na mesma medida, visto que a opressão e a repressão incidem de diferentes formas em cada um deles, em obediência aos antigos parâmetros patriarcais. Parece-me, ainda assim, que as novas gerações têm sido expostas mais abertamente às inconsistências desse modelo, possibilitando suscitar críticas em relação a ele e, ao menos, nos dão a esperança de novos horizontes.

Nesse sentido, entendo que o presente trabalho é também reflexo destes últimos avanços que tivemos no campo social. Inspirada por textos de outras autoras e novas pesquisas sobre o estatuto das mulheres na psicanálise, dediquei-me nos últimos anos à vida e à obra de Karen Horney. Minha história com a autora começou durante o curso de mestrado em Estudos Psicanalíticos na UFMG, com a proposta de estudar a instituição monogâmica dentro da psicanálise. O grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Belo estava se reunindo para estudar as pioneiras da psicanálise e Karen Horney não poderia estar de fora. Tomando contato com a sua obra, descobrimos que, para tratar de questões referentes ao casamento, às relações amorosas e à monogamia, seria quase impossível não citar os trabalhos de Horney como "O ideal monogâmico", "Problemas no casamento", "A necessidade neurótica de amor", entre tantos outros.

Para os fins da pesquisa de mestrado, os artigos de Horney reunidos em *Psicologia Feminina* – coletânea publicada postumamente em 1967 por um dos alunos de Horney, a qual fez com que houvesse um renovado interesse na obra da autora, que havia caído no esquecimento após sua morte em 1952 – seriam suficientes. Esses artigos, escritos durante o período que poderíamos chamar de "primeira Horney", tocaram-me profundamente. Como algumas das leitoras e leitores devem saber, Karen Horney é tida como a psicanalista que inseriu a pauta feminista na psicanálise, e nesses artigos fica claro o porquê desta afirmação. Questionando o falocentrismo presente tanto na

MIOLO A recusa da vagina.indd 18 04/09/2023 18:06:23

sociedade quanto na própria psicanálise, Horney (1991[1933[1]]) não se furtava apontar os psicanalistas que exprimiam, em suas teorizações, concepções altamente contaminadas pelo machismo em relação ao desenvolvimento psíquico feminino.

Parte da segunda geração de analistas, ela era, portanto, contemporânea de Freud, e foi cofundadora de institutos de psicanálise importantes, como o de Berlim e o de Chicago. Já nessa época, ao mesmo tempo em que dialogava com seus pares, também trazia questionamentos clínicos e políticos vanguardistas, especialmente em relação à feminilidade. Tal posição teve grande impacto sobre mim, especialmente por terem sido poucas as vezes em que tinha lido sobre sua participação na institucionalização da psicanálise, ou mesmo citações de sua obra.

Mobilizada por tal estado de coisas e inspirada pelo movimento de "redescoberta" de psicanalistas esquecidos das primeiras gerações, como Sándor Ferenczi e Sabina Spielrein, decidi pesquisar o que havia acontecido com esta autora e suas ideias, supondo que algo na historiografia psicanalítica facilitava este tipo de exclusão. Assim, utilizamos o conceito de desmentido ou recusa da traumatogênese ferencziana a fim de compreender que "algo" seria esse e como se relacionaria com as ideias e a figura institucional de Karen Horney. Para tal, faremos uma imersão na historiografia da psicanálise, na teoria da feminilidade de Horney e nos contextos político-institucionais em que se inserem.

Entendendo a psicanálise como um recurso de grande valor para a interpretação da realidade, do ponto de vista terapêutico e político, parece-nos fundamental que não poupemos esforços para a melhoria e atualização desse instrumento, através de um exame crítico das forças que o constituíram e constituem. Convidamos agora as leitoras e os leitores a nos acompanhar neste exercício, tendo como fio condutor a história de Karen Horney e sua teoria da feminilidade.

1 Como trabalhamos com uma perspectiva histórica, para a qual uma orientação cronológica é de suma importância, e diversos textos publicados originalmente em uma data foram republicados, indicamos, sempre que possível, a data da edição consultada e, entre colchetes, a data do texto original.

MIOLO A recusa da vagina.indd 19 04/09/2023 18:06:23